

Rumo à Internacional Americana¹

Julio Antonio Mella

Já passou do plano literário e diplomático o ideal de unidade da América. Os homens de ação da atualidade sentem a necessidade de concretizar em uma fórmula precisa o anseio que, desde Bolívar até nossos dias, foi considerado como a aspiração redentora do Continente.

Antes de entrar em uma discussão sobre a melhor forma de organizar a unidade continental é necessário responder à seguinte questão: quem há de fazer a unidade da América?

Várias são as organizações que proclamam a fraternidade entre os povos do Continente. Deixemos de lado os brados hipócritas dos diplomatas nos grandes bacanais das cerimônias de posse de um novo governo ou em alguma ridícula comemoração oficial: nunca obterão um resultado prático. Certos congressos científicos latino-americanos poderiam servir de alguma maneira, ao ideal de união, se não fossem utilizados pelos governos de sainete como propaganda de seus sistemas despóticos.

Confessemos que até hoje a unidade da América foi, em alguns casos, uma afável utopia forjadora de um ideal, e em vários outros, uma aprazível forma de resolver o problema de acomodarse bem na vida. Neste último caso, trata-se daqueles que falam, regularmente, de hispano-americanismos e que consideram Primo de Rivera ou dom Alfonso como pontífices máximos dessa religião da qual os sacerdotes são os escritores fracassados e famintos, junto com os comerciantes enriquecidos, egressos da “Península” para se evadir do serviço militar do rei e da pátria que adoram à distância.

Respondamos à pergunta: a unidade da América já foi efetuada pelo imperialismo ianque. A União Pan-Americana é a Internacional do futuro império político que terá como única capital Wall Street e como sua nobreza, os reis das distintas indústrias. A unidade da América sonhada por

¹ Publicado originalmente in *Venezuela Libre*, Havana, Ano IV, No. 15, setembro-dezembro de 1925, págs. 7 a 15. Traduzido por Luiz Bernardo Pericás.

todos os espíritos elevados da atualidade, contudo, é aquela da nossa América, da América calcada na justiça social, da América livre e não da América explorada, da América colonial, da América feudo de umas quantas empresas capitalistas servidas por uns tantos governos, simples agentes do imperialismo invasor. Esta unidade da América só pode ser realizada pelas forças revolucionárias inimigas do capitalismo internacional: trabalhadores, camponeses, indígenas, estudantes e intelectuais de vanguarda. Nenhum revolucionário de hoje pode deixar de ser internacionalista. Deixaria de ser revolucionário. Nenhum programa de renovação, nem a destruição de qualquer tirania, poderiam ocorrer sem uma ação conjunta de todos os povos da América, sem exceção dos Estados Unidos. As duas tiranias que estão mais próximas de cair, as do Peru e da Venezuela, poderão ser substituídas por governos similares, mas nunca por um regime que trate de exterminar sua verdadeira causa: a exploração do povo por uma pequena minoria que o mantém na ignorância. Para que se possa criar uma nova sociedade nas repúblicas da América, se faz necessária a cooperação de todas as forças revolucionárias do Continente.

Convencidos da existência de um inimigo grande e forte, é preciso tomar as medidas táticas para combatê-lo. Todo homem novo acredita ser possível e conveniente a formação de uma frente única entre todas as forças anti-imperialistas da América Latina. Distintas organizações têm entre seus fins a luta contra o imperialismo.

Considerando que fora dos Estados Unidos o inimigo se chama imperialismo –e no interior dessa nação, capitalismo-, é preciso ampliar a frente única para além do Rio Grande e constituir um só exército entre todos os explorados por Wall Street.

Se aceitamos estas verdades –e só os ignorantes ou os retrógrados podem negá-las-, há que convir que a luta está configurada em todo o mundo entre estes dois polos: o capitalismo explorador com múltiplas máscaras e o povo explorado que inicia variadas contendas, com distintos matizes. Na China, no Marrocos e na Inglaterra se combate os capitalistas nacionais, etc. Na América o enfrentamento deve ser contra cada uma das tiranias e contra a metrópole em comum, situada politicamente em Washington.

Os internacionalistas exploradores já criaram uma série de organizações capazes de formar a consciência continental de submissão: a União Pan-Americana, os sindicatos petroleiros, as agências de notícias, a propaganda cinematográfica e muitas outras.

É necessário também constituir uma Internacional americana capaz de aglutinar todas as forças anti-imperialistas e revolucionárias do Continente para forjar uma frente única e poder enfrentar a grandiosa influência do inimigo, da mesma forma como nos organismos humanos é preciso aparecer a célula inicial que irá crescer.

O caminho está muito adiantado. Existem na América Latina distintas forças que já aceitam a luta internacionalista e estão vinculadas a diferentes internacionais. Assim vemos o poderoso Working Party [sic] nos Estados Unidos e os partidos comunistas do México, Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Guatemala e Cuba, afiliados à Comintern. Vários sindicatos operários também estão associados às organizações internacionais. Na América Latina existem diversas entidades que aspiram a este fecundo internacionalismo por rumos diferentes e que possivelmente realizariam maior labor se fossem respaldadas por uma internacional americana anti-imperialista e revolucionária: a União Latino-Americana, a Liga Anti-Imperialista das Américas, quase todas as agremiações operárias do Continente, várias federações estudantis e grupos de propaganda e cultura poderiam, mantendo sua autonomia, formar uma frente única, em uma perfeita internacional que se constituísse e que tivesse por base de organização as fortes instituições com tendências internacionais anunciadas em parágrafos anteriores.

Ainda que esta entidade só servisse como agência central de notícias e de formação entre todas estas forças, já mereceria existir (uma das maiores dificuldades que tem o movimento revolucionário nas Américas é a falta de comunicação entre os diferentes núcleos de lutadores).

A Europa e a Ásia estão distantes. Ambas têm, nestes momentos, graves problemas a resolver. A América trairia os mártires que tombam nesses dois mundos se não se aprestasse a imitá-los e a socorrê-los em suas lutas. O ideal da humanidade é um só nesses instantes. Neste século, as mudanças não serão realizadas por nações isoladas. A civilização se universaliza. Um câmbio na Europa e na Ásia terá influência definitiva na América.

Aceitemos as experiências da Europa em suas lutas e lancemo-nos a conquistá-las adaptando seus procedimentos revolucionários a nossos ideais.

Cárcere de Havana, 2 de dezembro de 1925.

Julio Antonio Mella